

VIAGEM TURÍSTICA À ÁFRICA DO SUL: SONDAGEM CONSCIENCIAL AO VELHO CONTINENTE

Rute Pinheiro

INTRODUÇÃO

Convite. Em junho de 2014, durante um jantar, surgiu o convite para irmos com um grupo à África do Sul no final de março de 2015, o que gerou várias repercussões energéticas por ter conversado com algumas amigas justamente naquela semana sobre o trabalho da INTERCONS e o interesse em colaborar de alguma maneira com ele. No dia 20 de agosto, já estávamos com o pacote fechado para realizar a viagem.

Desafios. Considerando os desafios apresentados por Eliana Manfroi na primeira publicação do Painel África, de *conhecer o Continente Africano* para poder posteriormente colaborar com a *assistência* a esse continente através do processo de reurbanização do planeta, dentro da premissa de *retribuição* às vivências pretéritas e futuras, a viagem à África do Sul mostrou-se como oportunidade ímpar dentro do fluxo de preparação para fazer assistência em dimensões menos favorecidas após a *dessoma*, ou seja, ao passar pela morte biológica.

Sondagem. Além do caráter turístico e cultural, a viagem teve como objetivo a realização de sondagem prévia ao continente Africano, no intuito de perceber *in loco* o padrão de pensamentos, sentimentos e energias e as repercussões íntimas decorrentes da interação energética direta, ao modo de reconhecimento de área para futuras atividades conscienciológicas mais objetivas.

Período. A viagem ocorreu no período de 27/03/2015 a 06/04/2015, totalizando 11 dias em território africano, tendo a cidade de Johannesburg como porta de entrada e de saída.

Roteiro. Contemplou a visita a cinco locais – Resort Sun City, Parque Nacional Pilanesberg, Pretória, Cape Town e Johannesburg, alguns dos quais com uma breve passagem, típica de viagens em excursões grupais, com roteiros pré-definidos.

Províncias. Das nove províncias da República da África do Sul (Eastern Cape, Free State, Gauteng, KwaZulu-Natal, Limpopo, Mpumalanga, Northern Cape, North-West, Western Cape), visitamos apenas duas: Gauteng (Sun City, Pilanesberg, Pretória e Johannesburg) e Western Cape (Cape Town).

Bibliodiáspora. Considerando a impossibilidade de levar os *Léxicos de Ortopensatas* para doação às bibliotecas na África, devido ao peso e a parada em Johannesburg ser no final da viagem, foram levados apenas cinco livros pequenos de autoria do Prof. Waldo Vieira (*Projeções da Consciência*, *Nossa Evolução*, *Manual da Dupla Evolutiva*, *Manual da Proéxis* e *Manual da Tenepes*), como contribuição inicial ao *Camel Travel*.

EM TERRAS SULAFRICANAS

Chegada. O roteiro iniciou-se com a chegada ao Aeroporto Internacional de Johannesburg com uma visão da paisagem encoberta por uma névoa, trazendo de imediato a ideia de estar descortinando a África.

Sensação. Ao aterrissar, a sensação que tive foi de expansão, tranquilidade e acolhimento. Uma alegria íntima sem euforia nem emocionalismo.

Aridez. Na estrada, vendo a cidade de Johannesburg de passagem, com áreas de favelas e outras de condomínios superprotegidos (cercas elétricas e concertinas), percebi uma mudança no padrão energético que me causou estranheza e sensação de aridez.

Lesedi. Saímos do aeroporto direto para a Vila Cultural Lesedi, a cerca de 1 hora de Johannesburg, na qual se encontra a recriação de moradias e das culturas ancestrais de cinco aldeias africanas típicas – Xhosa, Zulu, Pedi, Ndebele e Basotho, apresentando aspectos da vida tribal, inclusive culinária, cantos e danças tradicionais. Apesar de interessante por proporcionar uma visão geral sobre a cultura e hábitos da África do Sul, tem um caráter muito turístico e em alguns momentos artificial.

Repercussão. A apresentação final de danças e músicas gerou algumas repercussões energéticas, principalmente nos momentos em que as mulheres emitiam gritos típicos durante as danças, nos quais pareciam vivenciar breves momentos de transe.

Sun City. Seguimos para Sun City, um imenso *resort* turístico voltado para o lazer na Província Noroeste, a 190 km de Johannesburg, fundado em 1979, com quatro hotéis, sendo um deles o famoso *Palace of the Lost City* (Palácio da Cidade Perdida). Ambiente bonito e suntuoso, mas também muito turístico (parece um parque temático), propício para viagens familiares ou com fins de repouso.

Vegetação. Ao caminhar por Sun City no primeiro dia, tive a forte sensação de familiaridade. A vegetação similar a do Nordeste do Brasil, me fez sentir em casa. Para onde olhava, identificava árvores e arbustos que vejo no meu dia a dia, no Parque das Dunas e nas ruas de Natal (RN, Brasil), bem como na região do interior do Estado do Rio Grande do Norte.

Pangeia. Ocorreu-me, naquele momento, a lembrança da Pangeia, continente único que se separou há milhões de anos durante a era Paleozoica através da deriva continental, gerando, ao final, os continentes atuais. Nesse *puzzle* continental, o Rio Grande do Norte, na curva do Brasil, se encaixava no Golfo da Guiné africano.

Animais. Devido à vegetação exuberante e bem cuidada nas áreas do complexo hoteleiro, havia uma grande quantidade de pássaros e também macacos babuínos por todos os lados.

Recantos. Existiam alguns recantos, próximos a pequenas cachoeiras artificiais e a áreas de mata mais fechada, excelentes para sentar e expandir as energias, possibilitando ficar imersa nos sons das águas, pássaros e outros animais.

Fitoenergia. Apesar da diversidade de energias no ambiente, esta autora considera que neste local visitado a predominância era da fitoenergia, ou energia das plantas.

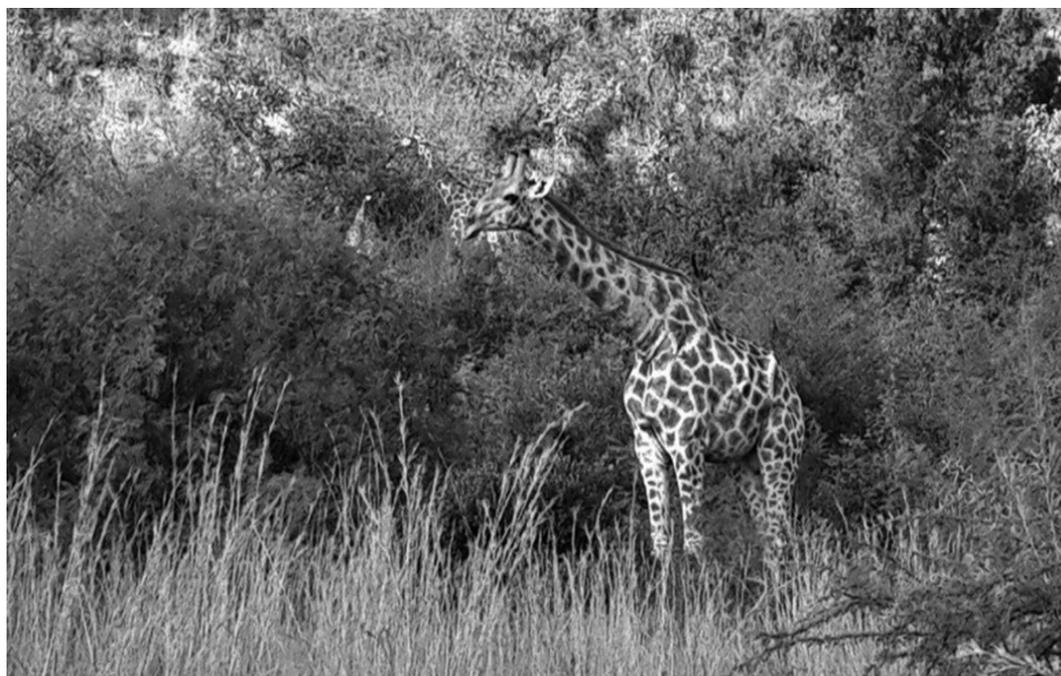
Contrastes. Na saída de Sun City rumo ao Parque Nacional de Pilanesbeg, vimos várias favelas com pequenas casas feitas de zinco, as quais ficam quentes demais no verão e muito frias no inverno, e onde residem muitos dos funcionários que trabalham no suntuoso resort.

Beleza. Independente da condição socioeconômica, a beleza e produção dos sulafricanos, principalmente das mulheres, chamava a atenção, pela elegância e variedades de penteados.

Pilanesberg. O Parque Nacional de Pilanesberg fica nas proximidades de Sun City, localizado numa cratera de um vulcão extinto no período pré-histórico, tendo sido criado em 1979 para beneficiar o povo local e preservar diversas espécies de mamíferos e de outros animais. Existe, atualmente, cerca de 7.000 animais, com mais de 300 espécies de pássaros e 65 espécies de répteis.

Expansão. O hotel localiza-se dentro da reserva no sopé de um dos montes da região, rodeado apenas por uma cerca elétrica. A abundância de energia da natureza promovia sensação de vibrações energéticas espontâneas, também conhecidas como estados vibracionais, e facilitava a expansão das energias e maior interação com consciências extrafísicas técnicas em assistência (amparadores). Apesar de muita energia das plantas (fitoenergia) e dos animais (zooenergia), a percepção maior foi de energia da terra (geoenergia).

Safáris. Durante os safáris de observação, realizados a tarde e ao amanhecer, foi possível contato mais direto com os animais, livres no seu habitat, sendo perceptível a postura de respeito que o povo local tem por eles, em uma convivência harmoniosa, bem diferente da relação de subjugação e confinamento que costumamos ver em zoológicos.



Parque Nacional Pilanesberg –África do Sul.

Aromas. O pôr do sol nas savanas africanas, com a paisagem reluzente do capim alto que se espalhava por extensas áreas, acrescido de um aroma que surgia com a umidade da noite, me encantou e conquistou, remetendo a imaginação de como teria sido a vida ali nos primórdios da humanidade.

Troca. A equipe de funcionários do hotel era muito hospitaleira e interativa, tendo havido uma boa troca de informações idiomáticas, na qual ensinamos palavras em Português e aprendemos outras no idioma local. A mais usada foi *kealeboga*, que significa *obrigada*.

Pretória. Saímos de Pilanesberg direto para Pretória, capital administrativa fundada em 1855, onde fizemos uma visita rápida com *city tour*, sem paradas nos pontos turísticos, uma vez que muitas ruas estavam interditadas devido a obras. Descemos apenas em frente ao *Union Buildings*, Sede do Parlamento (prédio em estilo vitoriano), com uma breve visita aos jardins, no qual se encontra uma imensa estátua de Nelson Mandela.



Estátua de Nelson Mandela em parque localizado na frente do Union Buildings, em Pretória.

Jacarandás. Segundo a guia turística, na primavera, a cidade fica toda colorida com as flores dos cerca de 70 mil Jacarandás, trazidos do Brasil em 1888, que circundam as avenidas do local.

Hotel. Ficamos em um hotel do outro lado dos jardins do *Union Buildings*, com vistas para o Prédio do Parlamento, mas apesar de ainda estar dia claro (por volta das 17h), recebemos a recomendação de não sairmos do hotel para caminhar e de preferencialmente jantarmos no próprio hotel, por questões de segurança.

Opressão. A impossibilidade de caminhar pela cidade gerou uma sensação de opressão, de limitação e cerceamento da liberdade. O padrão energético era muito denso, mas o pouco tempo na cidade não permitiu uma maior interação com a população e o ambiente local.

Cape Town. Partimos cedo para o aeroporto de Johannesburg, de onde saímos para Cape Town, cidade turística com forte influência holandesa, britânica e nativa, que lhe confere ares mais cosmopolitas. Nessa cidade, observa-se uma diversificação da população devido a uma maior miscigenação.

Table Mountain. A visão das formações rochosas que envolvem a cidade, principalmente do marco mais famoso, a *Table Mountain* (Montanha da Mesa), é impactante. A geoenergia presente na região é quase palpável e complementada pela aero, fito e hidroenergia, torna a cidade um local agradável e acolhedor.



Vista da cadeia de montanhas que circundam a cidade de Cape Town.

Turismo. A cidade é um dos pontos turísticos mais importantes da África do Sul, sendo comparada ao Rio de Janeiro. Possui muitos prédios históricos bem conservados. Apesar da necessidade de cuidados com segurança, é possível caminhar pelas áreas turísticas sem tanta preocupação, principalmente na parte do *Waterfront*, região do cais revitalizado, onde se encontram muitos restaurantes, lojas, *shopping centers*, aquário e espaços culturais e de lazer.

Arredores. Vale a pena realizar passeios pelos arredores de Cape Town. Há belíssimos lugares onde se podem fazer piqueniques e visitar cidades históricas universitárias, com casas em estilo holandês, georgiano e vitoriano, bem conservadas.



Casa (pousada) em estilo vitoriano em Stellenbosch, cidade universitária nas proximidades de Cape Town.

Educação. Segundo o guia local, está havendo um incremento do investimento em educação na região e isso tem permitido que filhos de trabalhadores braçais, das fazendas de frutas ou vinhedos, se formem e voltem para assumir postos de gerência nessas mesmas propriedades em que seus pais trabalham.

Cabo da Boa Esperança. Também conhecido como Cabo das Tormentas, atualmente dentro de uma área de reserva natural, é uma boa opção a ser visitada, inclusive pela viagem histórica, que nos faz remontar a época das grandes navegações. A subida ao farol, através de um funicular, propicia uma vista espetacular. O percurso que vai bordeando a Península do Cabo, passa por outras reservas naturais, inclusive uma colônia de pinguins, onde se podem observar esses animais bem de perto.



Vista do alto do farol, no Cabo da Boa Esperança.

Johannesburg. Para finalizar a viagem, voltamos para Johannesburg no início da manhã e realizamos um *city tour* panorâmico, com parada apenas no *Nelson Mandela Square*, local onde havia uma estátua de Mandela em meio a shopping center. No restante do passeio, passamos por áreas degradadas no centro da cidade, com casas antigas de teto de zinco, contrastando com outras áreas repletas de mansões suntuosas e prédios modernos.

Visão superficial. Devido ao pouco tempo e a falta de segurança para sairmos sozinhos, não foi possível conhecer a cidade de Johannesburg, nem encontrar voluntários da INTERCONS que também estavam lá no mesmo período. Desta maneira, será necessária outra visita à cidade para de fato conhecê-la.

Livros. Os livros levados foram deixados com a guia local, uma portuguesa que reside em Johannesburg há muito tempo, que gentilmente, os entregou a equipe da INTERCONS.

Considerações Finais.

Excursões. Existem vantagens e desvantagens de visitar um país em excursões grupais. Na opinião desta autora, tais excursões só valem a pena quando a viagem for a um país de cultura bastante diferente ou exótica, com idiomas não dominados pelo viajante, principalmente em um primeiro contato. Contudo, viagens em grupos restringem o livre-arbítrio do viajante, que muitas vezes fica impossibilitado de aprofundar o contato com o padrão de pensamentos, sentimentos e energias de algum local de interesse, bem como pode perder tempo em atividades consideradas por ele desnecessárias.

Guia. Tivemos o privilégio de contar com excelentes guias, tanto em Pretória e Johannesburg quanto em Cape Town, com bastante tempo de residência na África do Sul e cultura ampl. Eles nos passaram uma visão da realidade sul-africana nem sempre encontradas nos livros ou na Internet.

Apartheid. As mudanças que vem ocorrendo desde o final do Apartheid, em 1994, estão se dando de maneira lenta, mas já se observam avanços gradativos.

Escrita. Durante toda a viagem, procurei fazer registros sempre que possível, no hotel, ao final do dia, ou mesmo durante os trajetos nos ônibus. Este era o momento em que percebia maior conexão com amparadores e também quando ocorriam vários *insights*.

Insights. A principal ideia que me veio foi a de registrar ao máximo todas as informações para compartilhar experiências que possam auxiliar futuros viajantes e contribuir com o fluxo de intercâmbios internacionais, além de servir de ganchos mnemônicos para autopesquisa.

Resumo. Não foi possível relatar tudo nesse artigo que traz um resumo da viagem, ficando esta autora comprometida em escrever, posteriormente, um relato mais completo sobre essa primeira viagem ao Continente Africano.

Projeção. Em várias ocasiões, sentia-me como se estivesse projetada, invisível, observando aquele ambiente humano sem, contudo, ser percebida pelas consciências presentes.

Amparadores. No período em que estive na África do Sul, identifiquei mais especificamente dois amparadores: um com aspecto masculino, *grandão*, com padrão de energia muito firme e intenso; e uma amparadora, com um padrão mais acolhedor, tranquilo e de energias mais sutis e refinadas.

Bolha. Durante toda a viagem, tive a sensação de que o grupo estava blindado, dentro de uma grande bolha energética, e chamou-me a atenção o fato de não ter ocorrido nenhum acidente de percurso com ninguém em um grupo de 30 pessoas.

Demanda energética. Em alguns momentos da viagem, ocorriam Exteriorizações de energias mais intensas sem maiores repercussões, tendo havido apenas um dia, na última noite em Cape Town, véspera da viagem para Johannesburg, em que ocorreu uma maior demanda, com necessidade de trabalhos energéticos mais ostensivos.

Aclimação. As viagens a países do Continente Africano podem propiciar uma excelente oportunidade de aclimação para aqueles que consideram a possibilidade de uma próxima vida na África. Vale a pena experimentar.

Predisposição. Esta autora, aplicando a técnica do autoencantoamento cosmoético, se disponibiliza, desde já, perante os evolucionólogos, a contribuir, de acordo com suas competências, com as atividades inerentes ao megadesafio de reurbanização da África.

Natal, 21 de junho de 2015.

Brasileira, Bióloga (UFRN), Especialista em Neurociências (FATERN-Universidade Estácio de Sá), Mestre em Psicobiologia (área de Psicologia Fisiológica, Linha de Pesquisa Psicobiologia dos Processos Cognitivos, UFRN), Funcionária Pública Estadual da Secretaria de Saúde do RN, voluntária da Associação Internacional dos Campi da Conscienciologia – INTERCAMPI. Residente em Natal, RN.

E-mail: rutemrpinheiro@gmail.com.